

Octavio Paz, Mídia e Revolução Sandinista
Priscila Ribeiro Dorella*

Resumo:

A Revolução Sandinista produziu intensos debates entre os intelectuais latino-americanos em relação às possibilidades da esquerda armada conquistar o poder e estabelecer um sistema político democrático. Seguramente, o México acompanhou de perto os acontecimentos políticos na Nicarágua e gerou ricas contribuições para as reflexões sobre os movimentos revolucionários. O poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz foi um dos intelectuais a se manifestar intensamente sobre as temáticas políticas desse período. Por meio da análise de alguns de seus ensaios e de sua inserção nos meios de comunicação de massa, esse artigo busca novas possibilidades de compreensão do escritor em questão, como também das discussões em torno da Revolução Sandinista.

Palavras-chave: Meios de Comunicação de Massa, Octavio Paz, Revolução Sandinista.

Abstract:

The Sandinista Revolution produced intense discussions among the Latin American intellectuals towards the possibilities of the left army conquests the power and establishes a democratic politic system. Definitely, Mexico closely followed the political events in Nicaragua and brought rich contributions to the reflexions of the revolution movements. The Mexican poet and essayist, Octavio Paz, was one of the intellectuals who intensely manifested on the subject of the political thematic from the referred period. Through the analysis of some of his essays in addition to the analysis of his insertion in the mass media, this article search for new possibilities of comprehension of the referred writer as well as of the debates towards the Sandinista Revolution.

Keywords: Mass Media, Octavio Paz, Sandinista Revolution.

* Doutoranda em História da América na Universidade Federal de Minas Gerais – Apoio Fapemig. E-mail: priscila.dorella@yahoo.com.br ou p_dorella@hotmail.com

Blanco

me miro en lo que miro es mi creación esto que veo
como entrar por mis ojos la percepción es concepción
 en un ojo más límpido agua de pensamientos
me mira lo que miro soy la creación de lo que veo

Octavio Paz

Trecho do Poema – 1967

O desenvolvimento dos meios de comunicação (imprensa escrita, rádio, cinema, televisão etc), ao longo do século XX, acarretou transformações substantivas na formação e na atuação dos intelectuais. Entre outras coisas, o conhecimento produzido pelos intelectuais, que, em grande parte, era direcionado a um público específico, fosse ele acadêmico, político ou escolarizado, passa a ser difundido, cada vez mais, para um público mais amplo. Nesse sentido, houve uma inegável democratização do conhecimento produzida pelos meios de comunicação de massa. Muito já se falou que a cultura do fim do século XX foi completamente estruturada na esfera audiovisual.

Certamente, o processo de redemocratização política, na América Latina, contribuiu com o crescimento vertiginoso da indústria das comunicações, que teve como uma de suas conseqüências a transformação significativa do mundo das idéias e da função pública dos intelectuais. De acordo com Beatriz Sarlo, se antes os intelectuais expressavam suas idéias e competiam entre si, sobretudo, dentro dos meios escritos, nas últimas décadas os intelectuais estabeleceram também as suas idéias nos meios de comunicação de massa, que é um espaço aonde essas idéias não são as únicas e nem sequer as mais prestigiosas (SARLO, 2002).

Octavio Paz (1914-1998) foi um dos mais proeminentes escritores latino-americanos que coadunou sua produção literária a uma constante reflexão sobre as questões sociais do seu tempo. Poeta atuou como ensaísta, professor, tradutor, jornalista e crítico de arte. Estudou no México e Estados Unidos e foi diplomata na França e Índia, o que lhe propiciou uma visão diferenciada sobre os conflitos latino-americanos. Compreendido como

um dos mais importantes intelectuais, ganhador do Premio Nobel de Literatura em 1990, produziu, também, obras de caráter político que foram julgadas como extremamente polêmicas. Somado a isso, expressou suas idéias políticas e literárias em centros acadêmicos, jornais, revistas, rádios e programas de televisão para informar, criticar e narrar os conflitos do mundo contemporâneo.

Os seus ensaios políticos são importantes contribuições para pensarmos, entre outras questões, sobre intelectuais, democracia, revolução e mídia na América Latina. Na primeira parte desse artigo, discutiremos a visão de Octavio Paz sobre as relações entre esses conceitos destacados acima. Selecionamos alguns dos seus mais expressivos ensaios, como *El pacto verbal* (1980); *Televisión: cultura y diversidad* (1979) e *Democracia: lo absoluto y lo relativo* (1992). Posteriormente, analisaremos algumas polêmicas intelectuais criadas em torno da sua inserção nos meios televisivos, sobretudo a que ocorreu em 1984, ano em que foi premiado na Feira Mundial do Livro, em Frankfurt, por sua obra literária. O seu ensaio, proferido em razão do prêmio, foi intitulado *El diálogo y el ruido* (1984). Esse ensaio, que apresenta uma análise crítica dos desdobramentos da Revolução Sandinista (1979), foi lido e transmitido para o México pela emissora Televisa, ocasionando em grandes protestos no país. Era o momento da primeira eleição democrática nicaragüense, após a revolução.

Modernidade, Intelectuais e Mídia

De acordo com Octavio Paz, a modernidade foi um acontecimento histórico irreversível que redimensionou o tempo das sociedades e propiciou uma ruptura com a tradição, através da crítica.¹ Essa ruptura não

¹ "El espíritu crítico es la gran conquista de la edad moderna. Nuestra civilización se ha fundado precisamente sobre la noción de crítica: nada hay sagrado o intocable para el pensamiento excepto la libertad de pensar. Un pensamiento que renuncia a la crítica de si mismo, no es pensamiento. Sin crítica, es decir, sin rigor y sin experimentación, no hay ciencia: sin ella tampoco hay arte ni literatura. En nuestro tiempo, creación e crítica son una y la misma cosa." PAZ, Octavio. *Apud*: PONIATOWSKA, 1999: 202.

Priscila Ribeiro Dorella

foi apenas um movimento de negação, mas também de reinvenção da realidade. A consequência dessa nova conjuntura histórica denominada modernidade foi, entre outros fatores, o de possibilitar o exercício da diferença e da liberdade humana. A sua forma mais adequada de governo seria a democracia, que, apesar das possíveis imperfeições desse sistema político, é o único capaz de evitar os abusos e as arbitrariedades do poder pessoal. Baseado na obra de Claude Lefort, o poeta compreende a democracia como uma invenção política capaz de questionar as suas próprias instituições sociais e encontrar novas possibilidades históricas, portanto o sistema mais apropriado à modernidade (LEFORT, 1981).

Vale pontuar que a democracia, para Paz, não se define somente pelas eleições livres. Apesar da legitimidade dos governos ocorrer através do voto livre, secreto e universal é preciso que haja outras condições para que um regime mereça ser chamado de democrático como, por exemplo, vigência de liberdades, direitos individuais e coletivos, pluralismo, enfim, respeito às pessoas e às minorias (PAZ, 1993). Nessa direção, é possível compreender como sua postura política está intimamente conectada à noção de que a política é a arte de se comunicar, ou seja, através da palavra, inventar um mundo plural, um mundo democrático. É o pacto verbal e não o pacto social que fundamenta, para o poeta, a sociedade.

La sociedad humana comienza cuando los hombres empiezan a hablar entre ellos, cualquiera que haya sido la índole y la complejidad de esa conversación: gestos y exclamaciones o, según hipótesis más verosímiles, lenguajes que esencialmente no difieren de los nuestros (PAZ, 1993, vol. 10: 659).

Essa concepção em relação ao modo de se fazer política não teve, a seu ver, grande impacto na sua geração, uma vez que foi uma geração que acreditou na prática revolucionária, e não na prática democrática, como a grande possibilidade política de realização social. É certo que a revolução impunha limites à liberdade de expressão e, dessa maneira, nutria certo desprezo pelos valores democráticos. Segundo o sociólogo mexicano Jaime Sánchez Susarrey,

para um revolucionário marxista a supressão da liberdade é legítima em prol da justiça e da igualdade social. (SANCHÉZ SUSARREY, 1993: 23).

A idéia moderna de revolução, ao longo dos últimos séculos, se apresentou, para o poeta, como um acontecimento absoluto, que disseminou a crença de que os homens dominariam inteiramente suas instituições e concordariam em conjunto com suas atividades e seus fins. Entretanto, as experiências revolucionárias, em boa medida, demonstraram, a ele, a constituição de regimes burocratizados e autoritários.

A Idade Moderna muda a velha relação entre religião e política: na conquista da América, a política vive em função da religião, é um instrumento da idéia religiosa; na Revolução Francesa, a política transforma-se em religião. Mais exatamente: a revolução confisca o sentimento do sagrado. A religião revolucionária não foi outra coisa além da religião civil de Rousseau, convertida em paixão e corpo político. Seu Cristo foi um ente metade abstrato e metade real: o povo (mais tarde seria o proletariado) (PAZ, 1993, vol. 09).

A defesa desses valores democráticos na América Latina o fez um escritor dissonante em relação ao contexto latino-americano de Guerra Fria, em que os intelectuais se aproximavam, em grande medida, das concepções de esquerda (trotskistas, maoístas, leninistas etc), menos afeita aos valores democráticos do que ao autoritarismo e à luta armada. (CASTAÑEDA, 1994). Paz acreditava que a política moderna não poderia ser vivenciada como um dogma revolucionário porque não levaria à salvação e sim à intolerância e, até mesmo, à guerra. A política deveria, então, propiciar condições para a existência da diversidade e da contradição social através da comunicação. Como afirma: “A guerra nace de la incomunicación y busca substituir la comunicación plural por una comunicación única: la palabra del vencedor” (PAZ, 1993, vol. 10: 661).

Após o advento da Revolução Cubana, a conquista da palavra era uma disputa na América Latina, preponderantemente, ideológica, o que, para Paz, era por definição belicosa e avessa a qualquer possibilidade de existência pacífica e até mesmo democrática. Ele conquistou a palavra, assim como outros escritores de sua geração, não só pelo seu extraordinário

Priscila Ribeiro Dorella

trabalho literário, mas também pela sua habilidosa inserção nos meios de comunicação de massa. Considerava a participação nesses meios como uma possibilidade democrática para o desenvolvimento comunicativo diversificado, imaginativo, pluralizado e crítico.

Octavio Paz tinha uma consciência afiada não só dos danos provocados nos meios de comunicação pela censura estatal, como também pela publicidade e pelo poder do mercado nas mídias. A transformação das idéias, das opiniões e das pessoas em notícias e em produtos comerciais massificados era um desafio, segundo ele, a ser vencido por uma filosofia política democrática que levasse em consideração tanto o legado do liberalismo como o do comunismo (PAZ, 1993, vol. 9).

Logo, era fundamental, para o poeta, pensar sobre os modos de utilização e de inserção nos meios de comunicação, pois estes deveriam corresponder, para serem democráticos, a um repertório amplo de conhecimentos produzidos em cada sociedade. É essencial dizer que suas análises a esse respeito expressam um desejo otimista de mudança, o que para alguns poderia ser traduzido como um desejo ingênuo, ao assinalar algumas possibilidades de atuação dos e nos meios de comunicação de massa. Veja como exemplo, a sua visão sobre a televisão:

La televisión puede ser el instrumento del César en turno y así convertirse en un medio de incomunicación. O puede ser plural, diversa, popular en el verdadero sentido de la palabra. Entonces será un auténtico medio de comunicación nacional y universal. Hace años MacLuhan dijo que la televisión comenzaba el periodo del global village, la aldea universal, idéntica en todas partes. Creo justamente lo contrario. La historia va por otro camino: la civilización que viene será diálogo de culturas nacionales o no habrá civilización. Si la uniformidad reinase, todos tendríamos la misma cara, máscara de la muerte. Pero yo creo lo contrario: creo en la diversidad que es pluralidad que es vida (PAZ, 1993, vol.10: 658).

Como vemos, suas reflexões sobre a modernidade se desdobram não somente em uma visão democrática da política, mas também em uma visão democrática da cultura. Ou seja, o apreço pela diversidade e pela pluralidade expressa uma compreensão ampla do conceito de cultura. Em seu ensaio

intitulado *Televisión: cultura y diversidad*, apresentado no *Segundo Encontro Internacional de Comunicações*, patrocinado pela Televisa, na cidade de Acapulco, em 1979, o escritor se propõe a pensar a televisão como cultura. Além de discutir sobre o seu entendimento das ideologias, liberais e marxistas, a esse respeito.

De acordo com Octavio Paz, no decorrer do século XX, a crença no progresso e na unificação cultural do mundo foi um projeto ideológico tanto marxista como liberal. Os marxistas pensavam que o agente da unificação seria o proletariado internacional que aboliria as fronteiras e as distintas culturas nacionais. Os liberais, por sua vez, acreditavam que o jogo da empresa e do mercado, tanto como uma influência benéfica da ciência e da técnica, atenuariam, ao menos, as diferenças culturais, religiosas e lingüísticas. A questão que o poeta observa, baseado no filósofo grego Cornelius Castoriadis, é que essas ideologias naturalizaram determinadas formas de viver em sociedade impedindo os indivíduos de participarem do poder e construírem democraticamente suas próprias experiências sociais, políticas e culturais. Assim, nessas ideologias modernas escapam uma dimensão crítica fundamental: “a imaginação criativa”, que seria a noção da “capacidad que la sociedad tiene de producir imágenes y, después, creer en aquello mismo que imagina. Todos los grandes proyectos de la historia humana son obras de la imaginación, encarnada en actos de los hombres”. Mais adiante, afirma:

Justamente porque la sociedad produce sin cesar imágenes, puede producir símbolos, vehículos de transmisión de diferentes significados. Dentro del sistema de signos y símbolos que es toda cultura, los hombres tienen nombres; son signos dentro de un sistema de signos pero signos que producen signos. El hombre no solo se sirve del lenguaje: es lenguaje productor de lenguajes. La sociedad no es una masa indiferenciada sino una compleja estructura o, más bien, un sistema de estructuras. Cada parte, cada elemento – clases, grupos, individuos – está en relación con otros (PAZ, 1993, vol. 10: 652).

Discordando de MacLuhan, Paz situa a sua visão sobre os meios de comunicação de massa e, posteriormente, sobre o conceito de cultura. De

Priscila Ribeiro Dorella

acordo com MacLuhan, os meios de comunicação de massa se constituem como uma outra linguagem, o que quer dizer que cada meio (escrita, rádio, cinema, televisão etc.) possui um sentido próprio e igual.

A televisão, por exemplo, difere do cinema quanto à mediação com que capta e transmite o visível. A câmara de TV é como o microfone em relação à voz. O filme não possui tal imediação de captação e transmissão. À medida que começamos a examinar o caráter inevitavelmente cognitivo dos vários meios, logo superamos as perturbações advindas das preocupações exclusivas com qualquer forma de comunicação (MACLUHAN, 1978: 151).

Essa interpretação é descabida, para o poeta, uma vez que considera os meios de comunicação não como uma linguagem e sim como meios onde flui todo tipo de linguagem. A televisão pode ser entendida metaforicamente como gramática, morfologia e sintaxe, mas não pode ser entendida como semântica porque emite somente signos portadores de sentidos e não sentidos diretos. A “audiência invisível” de uma mesa redonda televisionada formada por um grupo de intelectuais pode produzir múltiplas leituras. Ou mesmo, as personalidades massivas que aparecem na televisão, no cinema e/ou no rádio podem gerar muitos debates. Como observa: “Todos assistem ao papa, a atriz famosa, ao grande boxeador, ao ditador turco, ao prêmio Nobel e ao assassino célebre, mas cada um lê isso de uma forma” (PAZ, 1993, vol. 10: 663). As imagens se universalizam. Livros, periódicos, rádio, cinema e televisão se espalham pelo mundo. O público é plural e apto ao diálogo entre diversas culturas. Todos assistem à televisão, mas a interpretação não é unívoca.

Os meios de comunicação de massa possuem, assim, segundo o escritor, uma forma vinculada à sociedade a que pertencem e são constituídos por relações históricas de comunicação, como podemos observar adiante: “La discusión política en la plaza pública corresponde a la democracia ateniense, la homilia desde el púlpito a la liturgia católica, la mesa redonda televisionada a la sociedad contemporánea” (Idem, 1993, vol.10: 662).

Octavio Paz chama a atenção para o fato de artistas, contistas, autores de teatro, poetas, intelectuais mexicanos não compreenderem, em boa

medida, os meios de comunicação como possibilidade de recriação e reinvenção das tradições na sociedade moderna, possivelmente por associarem esses meios a uma expressão cultural inferiorizada. Intelectuais, como o filósofo mexicano Gabriel Zaid, acreditam, ainda, que as características das manifestações intelectuais não são a oratória parlamentar, a teatralidade do discurso, o sermão, a cátedra, a mesa redonda ou as entrevistas por rádio e televisão, mas as manifestações escritas (ZAID, 1990, No 168: 21). Já Paz, defende que a palavra oral é a grande expressão da democracia moderna, uma vez que possibilita a troca de experiências através do diálogo (PAZ, 1993, vol. 10: 657).

O poeta atuou nos meios de comunicação não só concedendo entrevistas, mas também apresentando programas culturais. Uma das mais ricas experiências interativas do escritor com as mídias foi a construção do poema *Blanco* e a apresentação deste na mídia. Idealizado como um *poema-película*, ele procurou formular uma poesia em que o sentido sonoro e escrito estivessem hipoteticamente projetados em uma tela de cinema ou de televisão, propiciando, entre outros efeitos, a sensação de movimento.

A poesia é uma arte verbal que pode ser escrita, fala, imagem sonora e visual. Octavio Paz procurou incorporar nessa arte, inspirado na televisão e no cinema, um elemento totalmente novo: o movimento. Propôs construir signos que se movem: “um ballet de signos”. Dessa forma, ele ressalta as possibilidades de relacionar a arte e os meios de comunicação de massa porque a arte permite “recobrar a capacidade de dizer não, retomar a crítica de nossas sociedades satisfeitas e adormecidas, despertar as consciências anestesiadas pela publicidade” (PAZ, 1993, vol. 9). Ele também reconhece que há um cansaço das vanguardas, da idéia do novo, da ruptura, mas atenta para a arte marginal como possibilidade crítica de aprimoramento dos meios de comunicação de massa.

Segundo Martín-Barbero, em seu livro *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*, os mandarins da cultura seguiam perguntando se a televisão podia ser considerada cultura, mas é a noção de cultura que foi sendo modificada pelo desenvolvimento tecnológico.

Priscila Ribeiro Dorella

Octavio Paz foi certamente produto e produtor intelectual dessa transformação cultural na América Latina, ao levar em consideração não só a amplitude do conceito de cultura como também as possibilidades de mesclas entre o culto, o popular e o massivo.

La alta cultura es elitista y reaccionaria; la cultura popular es espontánea y creadora. Lo curioso es que, en México, los apóstoles de la cultura popular son intelectuales minoritarios, miembros de cerradas confradías y devotos de ceremonias en las catacumbas. En todas las sociedades hay un saber especializado y, por lo tanto, hay técnicas y lenguajes especializados. Esse saber y esos lenguajes minoritarios coexisten con las creencias e ideas colectivas.[...] El teólogo [alta cultura] y el simple creyente [cultura popular] pertenecen a la misma cultura. Y del mismo modo: aunque solo unos cuantos conocen los principios científicos que rigen su funcionamiento, todos oímos la radio y vemos la televisión (PAZ, 1993, vol 10: 658).

Como observamos, em linhas gerais, o pensamento moderno de Octavio Paz esteve intimamente vinculado à defesa da democracia cultural e política, o que torna, de certa forma, compreensível tanto a sua postura incisiva com relação aos desdobramentos, violentos e autoritários, dos processos revolucionários na América Latina, durante a Guerra Fria, quanto as polêmicas que o associaram ao imperialismo e ao neo-liberalismo.

Um outro lado polêmico, do mesmo lado

Octavio Paz se inseriu em diversos momentos nos meios de comunicação de massa. Algumas de suas mais expressivas aparições na mídia foram produzidas pela emissora mexicana de telecomunicações Televisa. Em 1976, Paz começou a colaborar com comentários semanais para *24 Horas*, tele-jornal este considerado tendencioso e conservador. A partir daí, com o diretor de televisão Héctor Tajonar, contribuiu, segundo o jornalista Jaime Septién (SEPTIÉN, 1998), com as famosas entrevistas denominadas *Conversaciones con Octavio Paz* (19 programas em 1984) e com o documentário, que o lançou definitivamente ao grande público,

México en la obra de Octavio Paz (6 programas em 1989). Além disso, organizou um congresso, em 1990, transmitido ao vivo pelo canal fechado da Televisa, intitulado *El siglo XX: la experiencia de la libertad*.

A sua postura diante dos meios de comunicação provocou uma grande polêmica intelectual em torno da sua imagem. Alguns intelectuais mexicanos como Enrique Krauze, Miguel León-Portilla, Ramón Xirau e José de la Colina louvaram a sua conduta e, inclusive, participaram de alguns programas de Octavio Paz. O escritor Álvaro Mutis considerou as apresentações do poeta um “espetáculo inesquecível”. Para o então diretor do Fundo de Cultura Econômica García Terrés, os programas do poeta converteram os meios de comunicação em uma “verdadeira tribuna civil da sociedade”, por permitir ao cidadão, com autoridade intelectual, a exposição crítica de suas idéias (MORAES & CAMPBELL, 1984: 46).

Segundo Septién, a antiga amizade de Octavio Paz com um dos donos da Televisa, Emilio Azcárraga Milmo, e com o seu assessor, Jacobo Zabluras, possibilitou a sua aparição nos meios de comunicação. Como um poeta comprometido com a liberdade e a crítica, era capaz de fechar os olhos para as medidas conservadoras e inescrupulosas da Televisa? Essa foi uma das questões levantadas por parte da intelectualidade mexicana, mais especificamente por parte da esquerda mexicana que logo o associou aos interesses imperialistas da direita. Veja a exemplo, a visão de Martínez Verdugo, um dos líderes do Partido Comunista Mexicano, em 1990: “A Octavio Paz ya se le olvidó el 68 y otros períodos de los que habló de manera crítica y justa. Ahora há dado un viraje a una posición retrógrada de derecha, ‘de dogmatismo muy primitivo’” (ZAMARRA, 1990). No mesmo ano, o crítico Ignacio Taibo publica um artigo denominado *Televisa ha comprado una figura mundial*, defendendo a idéia de que Octavio Paz tinha três personalidades diferentes: o admirado poeta, o ensaísta instigante e o líder da nova direita mexicana. Ligado aos interesses da emissora Televisa, o poeta estava sujeito a sua manipulação e era, por isso, merecedor de grande repúdio (TAIBO, 1990: 43).

A *Televisa* é um canal de TV mexicano que, apesar de atuar com capital privado, se desenvolveu estreitamente vinculado aos interesses do governo

Priscila Ribeiro Dorella

unipartidário – o PRI: Partido Revolucionário Institucional. Seguramente, o sucesso de Octavio Paz na mídia estava relacionado às aspirações da Televisa, uma vez que possuía uma grande habilidade comunicativa, exaltava os valores democráticos, expressava, cada vez mais, suas afinidades em relação ao liberalismo e realizava severas críticas aos regimes das esquerdas (Cuba, Nicarágua, Europa do Leste etc).

É importante mencionar também que nos anos de 1960, ocorreu no México a ampliação das universidades, o aumento do número de leitores e o acirramento de críticas de esquerda ao governo da época (PRI). Desse modo, a Televisa, empresa privada, com funções públicas e fins lucrativos, teve que criar, de acordo com o jornalista mexicano Humberto Musachio, alternativas elaboradas de entretenimento cultural para conquistar o novo público. Muitos escritores, como Juan José Arreola e Octavio Paz, foram chamados pela emissora com a promessa de poderem criar uma ponte com os telespectadores e garantirem, assim, a sua sobrevivência (MUSACCHIO, 1989).

Paz, ao se inserir nesses meios, se tornou uma celebridade, cujas atividades públicas e privadas eram relatadas e discutidas regularmente. Para o jornalista Septién, o poeta inaugurou no México

un modalidad hoy en boga del gran artista que se expone a los medios electrónicos y que habla sin demasiadas complacencias a un público acostumbrado al chisporroteo gutural, al páramo verbal de las telenovelas (SEPTIÉN, 1998).

A diferença de Paz com os artistas é que Paz era um intelectual e nunca um intelectual no México adquiriu tanto poder político (ÄVILES FABILA, 1998). O estatuto de celebridade contribuiu para dar maior visibilidade, fama, notoriedade a Octavio Paz, mas não necessariamente propiciou uma maior e melhor leitura de sua obra. O historiador mexicano Héctor Aguilar Camín assegurou, em entrevista ao Canal 22, no ano de 1998, que o poeta é mais debatido no México do que realmente lido.

Esse fato está relacionado, segundo Guy Debord, às sociedades massificadas do mundo contemporâneo, que tornaram a cultura objeto de mercadoria e entretenimento. A leitura e a reflexão foram colocadas em

segundo plano, uma vez que os acontecimentos são considerados efêmeros e se “acumulam como espetáculos”. Octavio Paz tinha uma profunda consciência desse fenômeno. Em 1994, ao discutir sobre a Revolução Zapatista, afirmava:

Pero la civilización del espectáculo es cruel. Los espectadores no tienen memoria; por esto tampoco tiene remordimientos ni verdadera conciencia. Viven prendidos a la novedad, no importa cuál sea con tal de que sea nueva. Olvidan pronto y pasan sin pestañear de las escenas de muerte y destrucción de la guerra del Golfo Pérsico a las curvas, contorciones y trémulos de Madona y de Michael Jackson. Los comandantes y los obispos están llamados a sufrir la misma suerte; también a ellos les aguarda el Gran Botezo, anónimo y universal, que es el Apocalipsis y el Juicio Final de la sociedad del espectáculo (PAZ, 2002, vol.2: 546).

No entanto, essa mudança de sensibilidade produzida pelos meios de comunicação de massa não impediu o autor de acreditar, como observamos ao longo do texto, que as suas manifestações públicas contra os regimes autoritários de esquerda e a favor da democracia política e cultural eram manifestações válidas e legítimas. Para Sanchez Sussurey,² as críticas de Octavio Paz ao PRI, na mídia, foram, observações fundamentais para as reformas políticas democráticas do Estado burocrático mexicano. A historiadora Alicia Correa Perez aponta também que a transmissão dos encontros culturais de Paz, na Televisa, deu a volta ao mundo, sendo, em parte, o meio em que o México se tornou conhecido por outros países (CORREA PEREZ, 1998: 59).

Em um artigo publicado recentemente por Mario Vargas Llosa, *La civilización del espectáculo*, o escritor avalia que a civilização ocidental produziu o fim de um personagem político que desempenhou um papel importante na vida das nações – o intelectual. Desde a Grécia, esse personagem contribuiu com uma ativa participação e criação da vida pública,

² Entrevista concedida à emissora Televisa para o programa Octavio Paz: el hechicero de la palabra, realizado em comemoração aos dez anos de morte do poeta Octavio Paz, 05/08. Disponível no site da Televisa, www.televisa.mx. Acessado em: 16/02/2009.

tanto em debates religiosos como políticos. Hoje em dia, o intelectual sumiu dos debates públicos. É certo que alguns ainda firmam manifestos, enviam cartas aos jornais e se envolvem em polêmicas, mas nada disso produz uma profunda repercussão na marcha da sociedade, cujos assuntos econômicos, institucionais e inclusive culturais são decididos pelo poder político, administrativo e econômico. Os intelectuais, para Vargas Llosa, “só brilham por sua ausência” e só interessam se segue o jogo da moda. Uma das hipóteses do autor para entender essa transformação é o fato de haver um culto às imagens e, ao mesmo tempo, um empobrecimento das idéias como força motora da vida cultural (VARGAS LLOSA, 2009: 16).

É bastante discutível a interpretação de Vargas Llosa sobre o papel do intelectual no mundo contemporâneo, principalmente quando pensamos nos impactos produzidos, nos últimos tempos, por intelectuais como Noam Chomsky. No entanto, se há realmente um empobrecimento das idéias na vida cultural contemporânea, a recepção aos discursos intelectuais pode soar não só desinteressante e desnecessária como também pedante. Octavio Paz foi certamente nomeado com esse adjetivo, mas foi, ao mesmo tempo, um dos únicos ou talvez últimos humanistas a se inserir nos meios de comunicação, na América Latina, logrando o estatuto, segundo Néstor García Canclini, de “protagonista da comunicação massiva” durante o processo de redemocratização na América Latina (GARCÍA CANCLINI, 1998). De acordo com o jornalista René Aviles Fabila: “Nunca en México un hombre de letras acumuló tanto poder político” (AVILES FABILA, 1998).

Vale dizer que apesar de Octavio Paz defender a independência crítica em relação ao Estado e a Mídia, foi irresistível a tentação de usufruir o imenso poder que essas instituições conferem e que a sociedade também reconhece. Como afirma o cientista político Jorge C. Castañeda:

Octavio Paz foi membro do serviço diplomático durante muitos anos, até pedir demissão, em 1968, como protesto pelo massacre de Tlatelolco. Em 1986, ao completar aniversário, aceitou uma homenagem oficial feita pelo governo De La Madrid; mais tarde, Carlos Salinas de Gortari cortejou-o astutamente, e Paz tornou-se um defensor tão incondicional do novo regime autoritário do PRI como havia sido crítico do regime antigo.

A dificuldade latente do poeta em manter um distanciamento crítico é também consequência do seu próprio poder intelectual. Foi o processo de democratização política e cultural na América Latina que gerou o enfrentamento de indivíduos especialmente preparados, como os intelectuais, com outros que, independente de seus saberes, são “iguais” por definição. É essa contradição da modernidade democrática, a de uma igualdade política que contradiz as hierarquias, também modernas, do prestígio, do saber, do mérito, transformando o cenário onde se julgava o conflito (SARLO, 2002: 27).

Uma polêmica midiática sobre a Revolução Sandinista

El día 11 de octubre más de 5000 personas tomaron las calles de la Ciudad de México y demandando la muerte del poeta marcharon con pancartas hasta la embajada de los Estados Unidos. Entre la multitud destacaban unos diez personajes que vestían boina y camisa militar. Con ese pobre atuendo, que no se puede llamar uniforme, y con ovimientos y consignas querían evocar la imagen revolucionaria de Ernesto Che Guevara. *Aunque también había uno que vestido con andrajos caminaba buscando tropezar de continuo emitiendo sonidos vagos; cargaba sobre su cabeza un gran monigote de dos metros de altura y cabeza cuadrada, con el logotipo de Televisa, que representaba a Octavio Paz.* Tras hora y media de porras a los sandinistas y mueras al imperialismo norte-americano, la gente formó un gran círculo alrededor del monigote. Mientras éste bañado en gasolina y elevado sobre un grosero palo, se repetía en coro esta frase que, lejos de ser una consigna política, parecía más un conjunto cantado en derredor de un totem mítico: *'Reagan rapaz, tu amigo es Octavio Paz'* (VIZCAÍNO, 1993: 26) [nossos grifos].

Em 1984, foi realizada a primeira eleição democrática nicaraguense, após a Revolução Sandinista (1979), resultando na vitória dos próprios sandinistas. No mesmo ano, Octavio Paz ganhou, em Frankfurt, o Prêmio Literário pela Paz da Associação de Editores e Livreiros Alemães. O ensaio, proferido em razão da premiação, foi intitulado *“El diálogo y el ruido”* (PAZ, 1984, pp. 4-7). A emissora mexicana Televisa transmitiu o discurso pelo

jornal *24 Horas* causando uma grande comoção no México, por esse polemizar acerca dos desdobramentos da Revolução Sandinista.

No polêmico ensaio *“El diálogo y el ruido”*, Paz afirma que a idéia de revolução foi compreendida, no mundo moderno, como uma utopia, capaz de romper com o mundo estabelecido e construir um outro, esperançosamente melhor, e, ao mesmo tempo, igual ao tempo original. Essa discutível ambivalência do sentido revolucionário não está desvinculada do reconhecimento sobre a importância do Estado na sociedade. No entanto, para o poeta, o único Estado capaz de criar condições de convivência pacífica é o Estado republicano democrático, uma vez que ele garante a liberdade de expressão crítica e plural. Assim, o problema do movimento revolucionário seria o de possibilitar a criação de Estados autoritários e violentos em nome da paz.

O caso da Nicarágua é bastante emblemático para Octavio Paz. A Revolução Sandinista se tornou legítima por derrubar um governo autoritário e corrupto em nome da constituição de um governo democrático. Porém, comenta em 1984: *“Los actos del régimen sandinista muestran su voluntad de instalar en Nicaragua una dictadura burocrático-militar según el modelo de La Habana. Así se ha desnaturalizado el sentido original del movimiento revolucionario”* (PAZ, 1984: 6).

Essa postura é bastante questionável sobre a Nicarágua Sandinista, pois havia, naquele momento, um sistema político pluripartidarista e uma economia mista (muitos capitalistas ainda conservavam suas propriedades!), substantivamente diferente do regime comunista autoritário da Cuba Castrista (LÖWY, 2006: 56). Dessa forma, a sua visão poderia ser interpretada como tendenciosa, precipitada e, até mesmo, inconseqüente. Segundo Sánchez Susarrey, a resposta da esquerda mexicana ao discurso do poeta foi escandalosa e revelava não um episódio isolado, mas uma boa mostra do estado de ânimo, daqueles tempos de Guerra Fria, na América Latina. Uma parte significativa da imprensa e dos intelectuais associava as suas declarações ao pensamento de direita (democracia sem adjetivos, liberalismo econômico e política aliada aos

interesses imperialistas) que era, claramente, incompatível com o nacionalismo revolucionário (SANCHÉZ SUSARREY, 1989: 64).

Paz reconhece que a compreensão desse processo revolucionário não era simples. Diversos fatores, como o caudilhismo e o imperialismo estadunidense, provocaram problemas sociais, econômicos e políticos na Nicarágua, conduzindo o país a ditaduras e democracias “caóticas”. Ainda sim, ele insiste na idéia de que a implementação de um governo revolucionário autoritário não criaria condições para uma sociedade melhor. O poeta aponta a falta de liberdade de expressão dos jornalistas nicaragüenses às vésperas da primeira eleição pós-revolucionária e cita, como exemplo, a censura dos sandinistas ao jornal *La Prensa*. Não obstante, é importante recordar que a Nicarágua estava em guerra civil, com o governo da FSLN sendo atacado militarmente pelos contra-sandinistas, apoiados e sustentados pelo governo dos EUA. Nesses anos de 1980, o tema da intervenção dos Estados Unidos na América Central e a crise econômica, tomaram conta dos principais debates na América Latina. Poucos foram os intelectuais que realizaram oposição declarada, como foi o caso de Octavio Paz, à Nicarágua Sandinista (CASTAÑEDA, 1993).

Antes mesmo do discurso de Frankfurt, o poeta já havia se comprometido em divulgar na revista *Vuelta*³ a censura sandinista ao maior jornal nicaraguense, *La Prensa*. Desde 1981, a revista publicava os artigos produzidos pelos jornalistas do *La Prensa* e censurados pelo governo sandinista. Segundo os editores nicaragüenses Pablo Antonio Cuadra y Pedro J. Chamorro Barrios:

La Prensa sigue un trayecto marcado por el pensamiento y los ideales de su director mártir Pedro Chamorro, que podemos definir, ante la actualidad revolucionaria, como democrática, pluralista, plenamente partidaria de un profundo cambio social que beneficie al pueblo, pero basados en principios cristianos, respetuoso de la libertad y de la dignidad de la persona humana y realizado con originalidad nicaraguense y no según esquemas marxistas-leninistas. (ANTONIO CUADRA & CHAMORRO BARRIOS, 1981: 55).

³ A revista *Vuelta* foi fundada e dirigida por Octavio Paz (1976-1998).

Sabemos que a Revolução Sandinista teve, inicialmente, um caráter pluralista reunindo marxistas, social-democratas, democratas cristãos e conservadores pró-empresariais, o que contribuiu para obtenção de um amplo apoio internacional. Nesse caso, o jornal *La Prensa*, apesar de apoiar a Revolução Sandinista, respondia aos interesses conservadores. Para o jornal *La Prensa*, não eram os valores democráticos que estavam efetivamente em jogo e, sim, a necessidade de eliminar os sandinistas por estes agirem segundo “esquemas marxistas”. A defesa da democracia se apresentava, muitas vezes, como um discurso vazio. Somado a isso, a FSNL, por exemplo, não seguiu fielmente as diretrizes dos Partidos Comunistas e nunca foi fiel às políticas da URSS, até porque, nos anos de 1980, a URSS vivia um período de reformas sob a liderança de Gorbachev (LÖWY, 2006).

Por outro lado, os sandinistas desejavam excluir o jornal *La Prensa* do jogo político, como afirma o Teólogo da Libertação – o padre Ernesto Cardenal,⁴ porque estavam envolvidos com os interesses da CIA e com a administração Ronald Reagan (ANTONIO CUADRA, 1985: 53). O jornal *La Prensa* representava parte da elite conservadora (Igreja, Partidos Conservadores e Confederação de Empresários). O apoio dessa elite às políticas estadunidenses gerou grande desgaste para o Governo Sandinista, que chegou a gastar mais de 40% do orçamento do próprio Estado para conter os avanços militarizados da oposição (CASTAÑEDA, 1993).

É certo que a Guerra Fria levou a definição de posicionamentos políticos e propiciou disputas ideológicas acirradas na América Latina. No entanto, essas disputas eram extremamente complexas e controversas. Para a historiadora mexicana Lucrecia Lozano, é preciso levar em consideração a peculiaridade da experiência revolucionária na Nicarágua, uma vez que a revolução foi democraticamente institucionalizada nas eleições de 1984.

⁴ Ernesto Cardenal foi um dos mais importantes representantes da Teologia da Libertação na Nicarágua e atuou, também, como ministro da Cultura do governo Sandinista. (SADER, 2007)

A diferencia, sin embargo, de otras experiencias históricas, las elecciones en Nicaragua cobran un sentido particular: no son, como usualmente ocurre en las democracias liberales representativas, un ejercicio periódico através del cual se 'míden' los índices del consenso político, sino que, por el contrario, expresan el encuentro entre la legitimidad de la revolución con su institucionalización jurídica. [...] La realización de las elecciones de noviembre de 1984 se enmarca en este rico y complejo proceso y sus resultados expresan la opción histórica del pueblo nicaraguense ser dueño de su propio destino y recorrer el camino trazado por Sandino y los miles de patriotas caídos en la lucha por la justicia, la libertad y la independencia nacional (LOZANO, 1985: 323).

Contrariamente a Lozano, Octavio Paz, cuestiona justamente a legitimidade democrática das eleições devido às medidas autoritárias, repressoras e agressivas dos sandinistas. A sua posição política é oposta, até mesmo, ao governo do PRI, que apoiou e reconheceu as eleições de 1984. De acordo com Michael Löwy, de fato as eleições foram reconhecidas internacionalmente como livres e democráticas. Os erros autoritários foram progressivamente corrigidos, embora continuasse a predominar um estilo vertical de liderança política (LÖWY, 2006: 56).

Vale mencionar, mais detalhadamente, que os movimentos guerrilheiros na América Central (Guatemala, Nicarágua e El Salvador) ressurgiram, nos anos de 1960 e 1970, influenciados pela Revolução Cubana e mobilizados por uma profunda crise econômica. O êxito da Revolução Sandinista, em 1979, além de inspirar outros países da América Central, trazia em seu bojo o apreço pela democracia representativa, pela economia mista e por política externa independente. Porém, de acordo com o cientista político Emir Sader, a revolução enfrentou sérios problemas com a contra-ofensiva do governo Reagan. Os esforços dos sandinistas, no enfrentamento militar com a oposição armada pelo governo dos EUA, resultaram em graves problemas econômicos e milhares de mortos. (SADER, 2007: 505).

Como afirmamos, o discurso de Octavio Paz pela defesa da democracia era, para parte da esquerda mexicana, vinculado aos interesses da política externa da era Reagan. Não obstante, o discurso democrático foi sendo incorporado pelo pensamento político e intelectual latino-americano,

Priscila Ribeiro Dorella

a partir dos anos de 1980, tanto pela direita como pela esquerda. A questão é que democracia, naquele período, não era, ainda, claramente vista como a melhor opção política na América Latina. De acordo com o escritor mexicano Ruy Sánchez:

En varios países latino-americanos Perú, Bolívia, Honduras, Brasil, Uruguay y Argentina los gobiernos militares han tenido que ceder su lugar a gobiernos civiles, marcando un retorno a democracia, que se ha convertido en pesadilla de los generales. Ahora parece que no solamente los generales aborrecen y temen a la democracia: un sector de izquierda también la ataca (RUY SANCHEZ, 1984: 53).

A eleição nicaragüense não apenas criou intensas polêmicas pela atuação violenta da esquerda e da direita, mas também gerou debates com relação às possibilidades efetivas da revolução implementar um sistema político democrático na região. Seguramente, era preciso reconstruir uma prática política democrática para aquela sociedade civil debilitada pelas experiências ditatoriais.

O próprio México, ao passar por graves crises econômicas, nos anos de 1980, foi obrigado, segundo o historiador Barry Carr, a repensar o Estado burocrático e o papel violento das guerrilhas. Com Miguel De Marid, o país conteve a luta armada e optou por reformas democráticas liberais (CARR, 2000). Para Aguilar Camín, a esquerda mexicana, ao longo do século XX, tendeu, mesmo assim, a acreditar na violência revolucionária como componente constitutivo de legítima transformação nacional. De acordo com o autor, devemos notar o que representa a Revolução Mexicana na história do país, em que líderes violentos como Pancho Villa são oficialmente reconhecidos e celebrados pelos seus gestos fundadores. No México, a violência revolucionária de esquerda é a “boa violência” que segue, ainda, no imaginário político mexicano, com os seus adeptos e os seus heróis. Pancho Villa, Che Guevara, Sandino, Subcomandante Marcos (AGUILAR CAMÍM, 2008).

A relação de Octavio Paz com a esquerda mexicana se tornou, ao longo do tempo, cada vez mais problemática. No entanto, o poeta é contundente ao esclarecer a necessidade de diálogo com essa vertente ideológica.

Siempre creí – y creo – que mi interlocutor natural era el intelectual llamado de izquierda. Vengo del pensamiento llamado de izquierda. Fue algo muy importante en mi formación. No sé ahora [...] lo único que sé es que mi diálogo – a veces mi discusión – es con ellos. No tengo mucho lo que hacer con los otros (PERALTA, 1996: 45).

O historiador mexicano Arnaldo Cordóva discorda do poeta ao afirmar que ele não queria discutir efetivamente com a esquerda.

Tenia [Octavio Paz] un concepto de izquierda muy propio y muy conveniente: para él era el conjunto de los seguidores de lo Partido Comunista Soviético, de Castro o de Mao. No sabía que había un pensamiento de izquierda, marxista, que era diferente. Ese pensamiento a él no le interesaba. Quería un enemigo a modo y era ése lo que estaba restando. Probablemente le habría encantado que Leonid Brejnev o Fidel Castro se dirigieran a él y lo invitarán a polemizar como él quería, probablemente en la Plaza Roja o en la Plaza de la Revolución. Cuando Paz se convirtió en estrella de la televisión con sus magníficos y muy ilustrativos programas jamás abrió las puertas a una polémica como él decía que quería con la izquierda (CORDOVA, 2007).

A explicação da indignação, de parte da esquerda mexicana, causada pelas palavras de Octavio Paz possui vários lados, um dos principais foi às suas aparições na Televisa. O diretor de televisão Tajonar, afirma que grande parte da comoção social causada pelos discursos de Octavio Paz, em 1984, na mídia, foi gerada pelo lugar e pela maneira como foi transmitido. A imagem do poeta através da Televisa adquiriu, no México, um sentido muito questionável por estar associado a uma empresa de posicionamento político conservador. (TAJONAR, 1998: 4).

O já citado Aguilar Camín – diretor da revista *Nexos*, principal revista de oposição ao poeta, endossa a visão de Tajonar, ao escrever que o principal responsável pelos protestos foi a forma “beligerante” que a Televisa transmitiu o discurso de Paz, restringido-o a paisagem centro-americana. O discurso “El diálogo y el ruido”, segundo Aguilar Camín, ficou mais bem conhecido, várias semanas depois, dos protestos contra o poeta, o que, por outro lado, não exclui, para ele, a crítica sobre a tendência do poeta em

omitir dados, nos seus ensaios, que encobriam os seus preconceitos e intenções. (AGUILAR CAMÍN, 1998: 71).

Jorge Castañeda, pontua, de modo distinto dos autores citados acima, que o discurso de Octavio Paz foi transmitido na íntegra pela Televisa e foi à primeira vez que se conjugou a onda direitista da intelectualidade europeia, do qual o poeta era, na visão dele, um adepto, com os meios de comunicação de massa para atacar a Nicarágua. Nesse caso, o poder desigual dos estadunidenses frente aos sandinistas não foi levado, devidamente, em consideração por Paz e pela Televisa. Para Castañeda, a projeção que Octavio Paz alcançou, com o seu discurso, foi inigualável em comparação com a imprensa escrita, o que resultou, conseqüentemente, na indignação da esquerda revolucionária e na diminuição do apoio da opinião pública mexicana em relação à Revolução Sandinista, justamente no momento que a revolução mais precisava (CASTAÑEDA, 1984; 40).

O próprio Paz, ao se defender dessas críticas, dizia que nunca foi a favor da intervenção dos EUA na América Central, e sim da existência de condições políticas verdadeiramente democráticas. O discurso em Frankfurt ressalta que os problemas na Nicarágua foram anteriores à invasão norte-americana e que os sandinistas poderiam transformar o país em uma ditadura burocrática militar, assim como se tornou Cuba. Sobre o ódio manifestado pela esquerda em relação as suas declarações, Paz pontua: “No sólo han aislado ciertas frases mías del contexto sino que se desfiguraron mis palabras o se me atribuyeron cosas que yo no dije” (RUY SANCHÉZ, 1984: 46).

O fato é que mesmo as posições políticas mais apuradas dos intelectuais eram matizadas, durante a Guerra Fria, em interpretações binárias (capitalismo x comunismo; revolução x democracia; direita x esquerda). Ainda sim, o acirrado debate intelectual, imperdoável quanto às ingenuidades ideológicas, foi um elemento fundamental para o ressurgimento da sociedade civil latino-americana e o desencanto dos movimentos revolucionários. Analisar como as idéias de um célebre intelectual mexicano sobre a Revolução Sandinista foram sendo debatidas, deformadas, (re)construídas e polemizadas, entre outros meios, através da transmissão televisiva durante o processo de redemocratização dos

países latino-americanos foi um dos objetivos desse artigo. Dessa maneira, percebemos como a história contemporânea das lutas políticas e sociais da América Latina devem ser relacionadas e compreendidas, muitas vezes, vinculadas aos meios de comunicação de massa e ao discurso intelectual.

Bibliografia

- ABRAMS, Elliott. "Abrams: contactos con Europa y América Latina para acelerar retorno de Chile a democracia". *El País*, Madrid, 2 de noviembre de 1986.
- AGUILAR CAMÍN, Héctor. "Pequeño regreso al gran hechizo del mundo". *Nexos*, México, p. 71, 1998.
- AGUILAR CAMÍN, Héctor. *Pensando en la izquierda*. México: Centzontle, 2008.
- AGUILAR CAMÍN, Héctor. *Programa Nexos – Octavio Paz*. México: El Colegio de México. Vio/Cass/396, 1998.
- ANTONIO CUADRA, Pablo & CHAMORRO BARRIOS, Pedro J. "También en Nicaragua". *Vuelta*, México, pp. 54-55, noviembre de 1981.
- ANTONIO CUADRA, Pablo & CHAMORRO BARRIOS, Pedro J. "Situación de la cultura en Nicaragua". *Vuelta*, México, p.53, enero de 1985.
- AVILES FABILA, René. "Su Reinado Dividió a la Cultura del País". *Jornal Excelsior*, México, domingo 26 de abril de 1998.
- BRETT, Annabel. "O que é história intelectual hoje?" In. CANNADINE, David (org.). **O que é história hoje?** Portugal: Gradativa, 2006.
- CASTAÑEDA, Jorge. "Paz, 'Nicaragua y México'". *Proceso*, México, p.14, 15 de octubre de 1984.
- CASTAÑEDA, Jorge. *Utopia desarmada. Intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CORDOVA, Arnaldo "Octavio Paz y la izquierda". *La Jornada*. México, junho de 2007.
- CARR, Barry. *La izquierda mexicana a través del siglo XX*. México: Ediciones Era, 2000.
- CORREA PÉREZ, Alicia. "Acercamiento a la obra de Octavio Paz". *Cuadernos Americanos*, México, n.70, julio-agosto de 1998.

Priscila Ribeiro Dorella

- LEFORT, Claude. *A invenção democrática: os limites do totalitarismo*. (Apresentação Marilena Chauí) São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- LIMA, Luiz C. (org.). *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- LOZANO, Lucrecia. *De Sandino al triunfo de la revolución*. México: Siglo XXI, 1985.
- GARCÍA CANCLINI. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1987.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Os exercícios do ver – Hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Editora Senac, 2001.
- MORAES, Sonia & CAMPBELL, Federico. “Paz en la TV, juzgado por intelectuales: muchos se abstienen”. *Proceso*, México, p.46, 26 de marzo de 1984.
- MUSACCHIO, Humberto. Octavio Paz en Televisa/ El laberinto de la impunidad. In: TREJO DELARBRE (org.). *Televisa – El quinto poder*. México: Claves Latinoamericanas, 1989.
- PAZ, Octavio. *Pequeñas crónicas de grandes días*. México: FCE, 1990.
- PAZ, Octavio. La democracia: lo absoluto y lo relativo. In: PAZ, Octavio. *Obras completas*, V.9. México: FCE, 1993.
- PAZ, Octavio. Televisión: cultura y diversidad. In: PAZ, Octavio. *Obras Completas*, V.10 México: FCE, 1993.
- PAZ, Octavio. El Pacto verbal. In: PAZ, Octavio. *Obras Completas*, V.10. México: FCE, 1993.
- PAZ, Octavio. “El diálogo y el ruido”. *Vuelta*, México, p.4-7, diciembre de 1984.
- PAZ, Octavio. Chiapas, hechos, dichos y gestos. In: PAZ, Octavio. *Obras Completas*. Barcelona, Edición Galaxia Gutenberg/Círculo de Lectores: vol. 2, 2002.
- PERALTA, Braulio. *Un poeta en su tierra – Diálogos con Octavio Paz*. México: Ed. Grijalbo, 1996.
- PONIATOWSKA, Elena. *Octavio Paz – Las palabras del árbol*. México: Ed. Lumen, 1999.

- RUY SANCHÉZ, Alberto. "Octavio Paz contra cualquier invasión a Nicaragua". *Vuelta*, México, p. 46, diciembre de 1984.
- SADER, Emir (org.). *Enciclopédia Contemporânea da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- SADER, Emir. *Cuba, Chile e Nicaragua – Socialismo na América Latina*. São Paulo: Atual, 1992.
- SANCHÉZ SUSARREY, Jaime. *El debate político e intelectual en México*. México: Grijalbo, 1993.
- SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias*. São Paulo: Edusp, 2005.
- SARLO, Beatriz. Sensibilidad, cultura y política: el cambio de fin de siglo. In: TONO MARTÍNEZ, José (comp.) *Observatório siglo XX – Reflexiones sobre arte, cultura y tecnología*. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- SÉPTIÉN, Jaime. "Octavio Paz y la televisión". *Siempre!*, México, 30 de Abril de 1998.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade (1750-1950)*. São Paulo. Cia. Editora Nacional, 1969.
- TAIBO, Ignacio. "Televisa ha comprado una Figura Mundial". *El Financiero*, México, 12 de Octubre de 1990.
- TAJONAR, Héctor. "Pensamiento, poesía y televisión". *Reforma*, México, 26 de abril, p.4, 1998.
- VARGAS LLOSA, Mario. "La civilización del espectáculo". *Letras Libres*, México: AÑO XI, Numero 122, p. 14-22, 2009.
- VIZCAÍNO, Fernando. "Octavio Paz y la razón ardiente". *La Jornada Semanal*, México, n.224, 26 de septiembre de 1993.
- ZAID, Gabriel. "Octavio Paz: El diálogo y el ruido". *Vuelta*, México, p.4, noviembre de 1984.
- ZAID, Gabriel. "Intelectuales". *Vuelta*. México, vol. 168, p. 21, noviembre de 1990.
- ZAMARRIPA, Roberto. "Paz ejerce un dogmatismo primitivo". *La Reforma*, México, jueves 30 de agosto de 1990.

Recebido em maio e aprovado em agosto de 2009.